ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL / RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

O Tuiuti

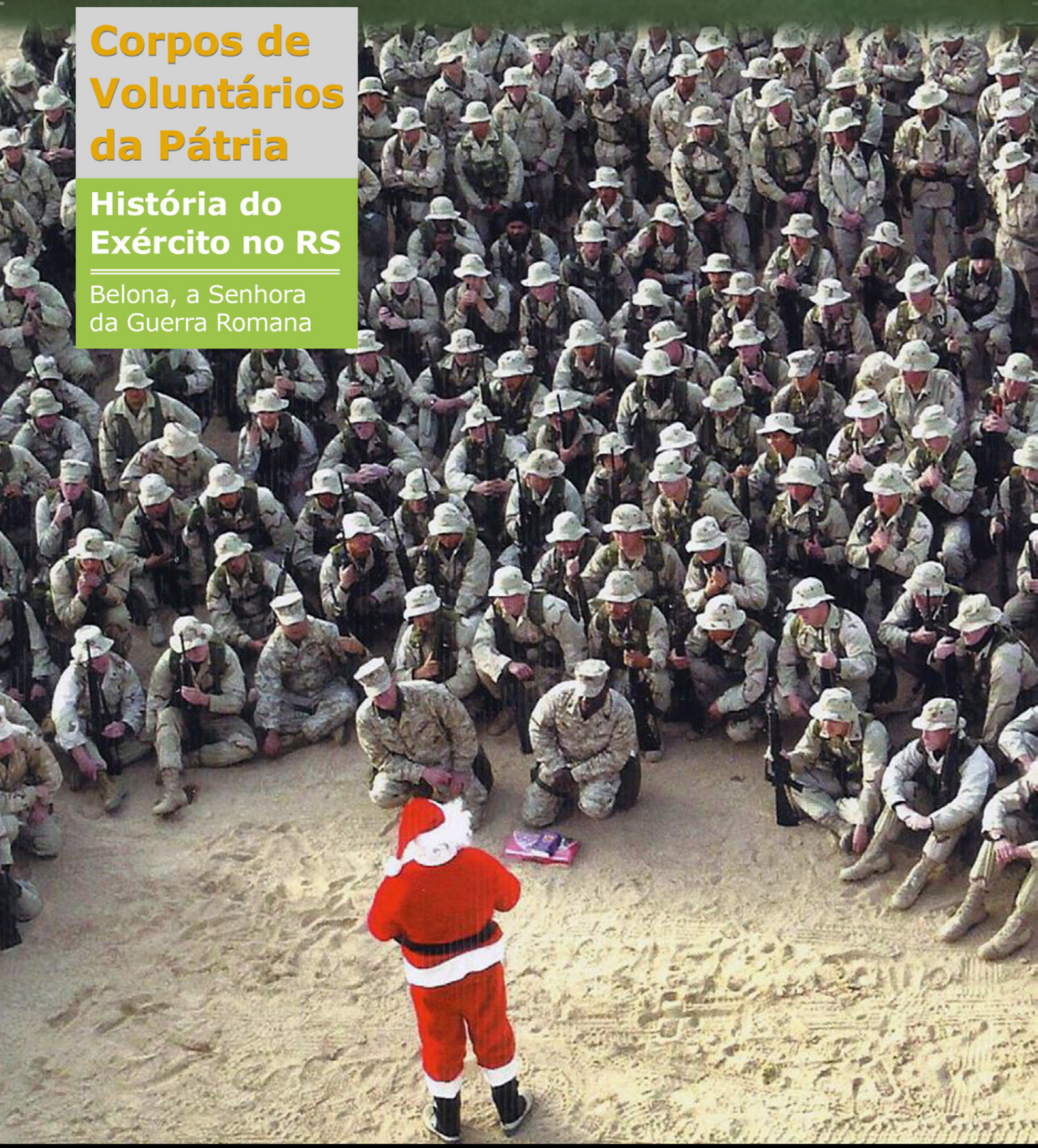
BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2013 / Nº 103

Corpos de Voluntários da Pátria

História do Exército no RS

Belona, a Senhora da Guerra Romana



O TUIUTI
Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de HIstória Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN
Fabricio Gustavo Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS
acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com
www.ahimtbrs.com

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos das duas entidades, bem como da História Militar e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros. Todo o material publicado está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor.

EDITORIAL

O verdadeiro reconhecimento da servidão e grandeza militares, expressas por Guilherme Moniz Barreto em trecho de uma carta datada de 1893, versando sobre a situação do país, endereçada ao Rei Dom Carlos I (1863-1908):

"Senhor, umas casas existem, no vosso reino onde homens vivem em comum, comendo do mesmo alimento, dormindo em leitos iguais. De manhã, a um toque de cometa se levantam para obedecer. De noite, a outro toque de cometa se deitam, obedecendo. Da Vontade fizeram renúncia como da Vida. Seu nome é Sacrifício. Por ofício desprezam a morte e o sofrimento físico. Seus pecados mesmo são generosos, facilmente esplêndidos. A beleza de suas ações é tão grande que os poetas não se cansam de a celebrar. Quando eles passam juntos, fazendo barulho, os corações mais cansados sentem estremecer alguma coisa dentro de si.

A gente conhece-os por militares

Corações mesquinhos lançam-lhes em rosto o pão que comem como se os cobres do pré pudessem pagar a liberdade e a Vida. Publicistas de vista curta acham-nos caros demais como se alguma coisa houvesse mais cara do que a servidão. Eles, porém, calados, continuam guardando a Nação do Estrangeiro e de si mesma. Pelo preço de sua sujeição eles compram a iiberdade para todos e defendem da invasão estranha e do jugo das paixões. Se a força das coisas os impede agora de fazer em rigor tudo isto, algum dia o fizeram, aigum dia o farão. E, desde hoje é como se o fizessem. Porque, por definição o homem da guerra é nobre. E quando ele se põe em marcha, à sua esquerda vai a coragem, e à sua direita, à disciplina."

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Editor

CONTEÚDO

4 OS VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

por Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Os Corpos de Voluntários da Pátria, sua estruturação, organização e atuação na Guerra do Paraguai.

8 HISTÓRIA MILITAR DO RS

por Cel Cláudio Moreira Bento

Dá-se por concluído o Projeto de História do Exército do Rio Grande do Sul, com inúmeras publicações.

12 BELONA

Saiba mais sobre a antiga deusa romana da guerra, que provavelmente possui origem etrusca.

FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

Os Corpos de Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai

Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

À medida em que a espontaneidade da população caía, os presidentes das províncias foram incumbidos de providenciar voluntários para preencher as cotas necessárias de combatentes contra o Paraguai.

Os Corpos de Voluntários da Pátria (CVP) foram criados em face da necessidade de tropas para a Guerra da Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai) pelo Decreto Imperial nº 3.371, de 7 de janeiro de 1865. O Brasil passava a contar então, além das tropas de 1ª e de 2ª linhas e das unidades da Guarda Nacional (GN), com os Voluntários.

Essa mobilização teve por finalidade inicial formar reservas para as forças terrestres mas, conforme o Sub-tenente Osório Santana Figueiredo "dada a sua disciplina e vontade combativa, tanto quanto os batalhões efetivos […] logo foram designados para a frente de combate" (BENTO et FIGUEIREDO, 2001, p. 30).

A participação dos CVP se deu do início ao fim da Guerra do Paraguai. As perdas por morte foram imensas , mas não só dos VP, e sim como característica trágica, drástica e dolorosa daquela guerra, de ambos os lados.

Osório Santana Figueiredo refere que foram 57 os CVP, tendo sido comandados por oficiais do Exército Brasileiro (EB) ou da Guarda Nacional (GN), sendo aceitos homens entre 18 e 50 anos de idade em todo o Brasil.

"QUANDO DA CRIAÇÃO DOS CORPOS DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, O IMPERADOR SE AUTO-PROCLAMOU COMO O PRIMEIRO DOS VOLUNTÁRIOS."

Por ocasião da invasão do Rio Grande do Sul pelas tropas paraguaias ao comando do Tenente-Coronel Antônio de La Cruz Estigarríbia, no 2º semestre de 1864, o Imperador ouviu de seu Conselho de Estado que não deveria ele, como Monarca, se deslocar à região invadida, tendo Dom Pedro II dito o seguinte:

"Se a Constituição o impedia de marchar como Chefe da Nação, não o impedia o Conselho de abdicar, e seguir como simples Voluntário da Pátria" (Ibidem, p. 31).

E assim, quando da criação dos CVP, ele se auto-proclamou como o primeiro dos voluntários.

O 1º CVP foi organizado no Rio de Janeiro. Seu primeiro comandante foi o Tenente-Coronel João Manoel Menna Barreto. Do 2° ao 7°, que foram os primeiros, originaram-se do Rio de Janeiro (02), da Bahia (01), mais três do Rio e um de São Paulo, respectivamente.

ORGANIZAÇÃO

Conforme o General Paulo de Queiroz Duarte, as praças-de-pré da Guarda Nacional puderam se apresentar como voluntários, mantendo as mesmas graduações. Houve casos de corpos inteiros da GN que se tornaram Corpos de Voluntários, inclusive os oficiais (DUARTE, vol. I, 1981, p. 201 e 207).

O efetivo total dos CVP alcançou o total de 123.150 homens, chegando ao percentual de 75% do efetivo dos batalhões de 1ª linha do Exército. Basicamente, os VP das províncias do norte e nordeste formaram unidades de Infantaria, sendo as de Cavalaria oriundas da cavalaria da GN gaúcha (Ibidem, p. 204 e 206). Conforme o General Duarte "o grosso do voluntariado proveio [...] dos batalhões de infantaria da GN das províncias" (Ibidem, p. 207).

Segundo, ainda, o General Duarte, os CVP eram convocados através de Avisos Ministeriais, devendo ser organizados conforme "a mesma norma

adotada para os corpos móveis de Infantaria do Exército". Na época, a estruturação da Infantaria obedecia ao Decreto n° 2.662, de 06 Out 1860. Assim, os Corpos foram organizados à semelhança dos batalhões de caçadores tidos, na época "como Infantaria Ligeira" (Ibidem, vol. 2, tomo I, p. 1, 2) .

ESTRUTURA

Cada batalhão de caçadores era composto por três companhias de caçadores , como peças de manobra , tal como hoje em dia, mais sub-unidades de apoio de fogo, ge-ralmente morteiros e canhões e o Comando.

Houve exceções. O 26° CVP chegou ao Paraguai com sete companhias. O 35° CVP (do RS) teve quatro companhias.

Originalmente, os caçadores eram atiradores de precisão, destinados a atingir alvos importantes como comandantes, etc.

Os efetivos variavam. O 8° CVP (Rio) tinha 544 homens. Já o 9° (RS) começou com 27 oficiais e 449 praças. O 25° (SC e PR) tinha 456. O 27° (Uberaba) começou com 325. O 30° (Recife): 390 homens. O 39°, do Piauí, tinha 390 praças mais os oficiais, totalizando, mais ou menos, 420 homens (Ibidem, vol. 2, tomo II, p. 4).

Durante a guerra houve fusões e mudanças de numeração entre os CVP. Houve também o caso de dois CVP com a mesma numeração, diferenciando-se pela origem.

ATUAÇÃO E PRINCIPAIS CAMPANHAS

Os Voluntários da Pátria participaram da maioria das grandes e pequenas batalhas, recontros e entreveros da Guerra do Paraguai, desde a rendição dos paraguaios em Uruguaiana em agosto de 1865. Conforme o Sub-tenente Osório Santana Figueiredo, o 1° CVP foi "uma das primeiras unidades [...] a participar da invasão do território paraguaio (Passo da Pátria), a 16 de abril de 1866, incluído no 1° Corpo de Exército Brasileiro" (FIGUEIREDO, 2001, p. 32), sob o comando do General Osorio.

O 2° CVP atuou no Estero Bellaco, em Tuiuti e em Punta Naró, entre outros combates, da mesma forma que o 3° CVP. E assim por diante, a maioria deles participou de batalhas até o fim da guerra: Isla Carapá, Curuzu, Laguna Sirena, Curupaiti, Taji, Vila Pilar, Sauce, Humaitá, Avaí, Lomas Valentinas, Itá-ibaté, Para-cuê, Tuiucuê, Itororó, Estero Rojas, Tebicuarí, Surubi-í, Potrero Ovella, Piquiciri, Timbó-chico, Passo -Poí, Campo Grande, Peribebuí, Campanha da Cordilheira e Cerro Corá.

Alguns CVP participaram da luta mal sucedida contra os paraguaios no Mato Grosso, inclusive da Retirada da Laguna.

Empanando o brilho dos CVP houve o caso do 9° CVP, do Rio de Janeiro, dissolvido pelo General Osorio em Lagoa Brava por indisciplina, falta de instrução e absoluta inexperiência em campanha. O efetivo foi redistribuído por outras unidades.

VOLUNTÁRIO v
Fotografia de um cabo, desconhecido, que pertenceu ao 1º Batalhão de Voluntários da Pátria, infantaria pesada (1865).

CONCLUSÃO

Os CVP escreveram páginas de glória na Guerra do Paraguai. Estiveram sempre à altura de seus co-irmãos batalhões de infantaria de linha, também chamados de "móveis".

Atenderam ao chamado vindos dos mais longínquos rincões brasileiros e deixaram marcada a sua presença. A província que mais apresentou VP foi a Bahia, com 7.764 (FRAGOSO, 1961, vol. V, p. 260).

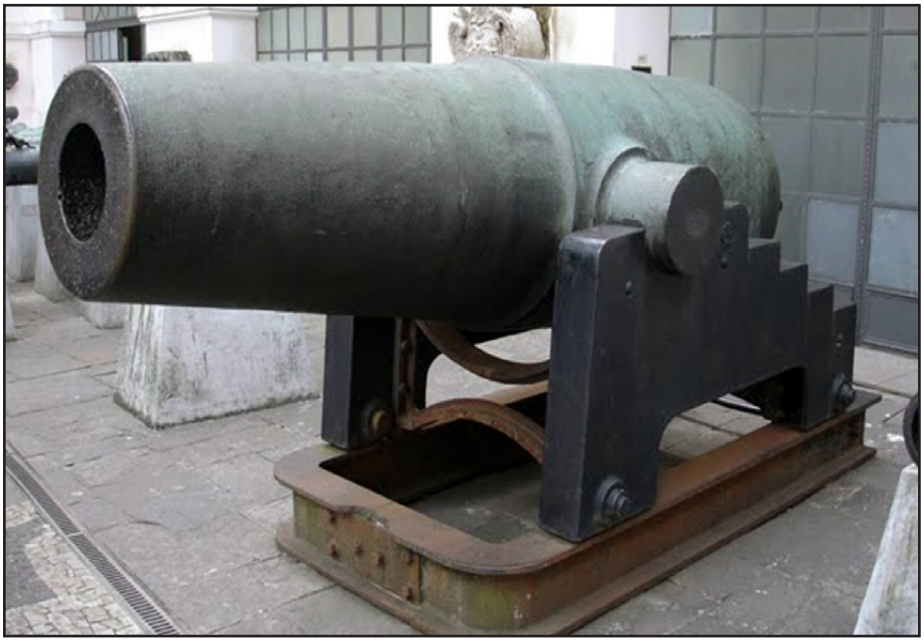
Conforme Osorio Santana Figueiredo:

Sua ação se fez presente do princípio ao fim da guerra, desde os primeiros combates, em todo o teatro de operações bélicas, até o último, com a morte de Solano Lopez em Cerro Corá. Ali estavam, lutando e testemunhando (BENTO et FIGUEIREDO, 2001, p. 30).

Sua saga está registrada nas obras citadas na Bibliografia.

No Rio Grande do Sul existe uma Divisão de Exército, a 6ª, cuja sede fica em Porto Alegre, que tem por denominação histórica "Divisão Voluntários da Pátria".

•



ARTILHARIA ^
"El Cristiano", canhão de doze toneladas, forjado com o metal de sinos das igrejas, tomados ao Paraguai, durante a violenta guerra.

Notas:

1 Estimadas em 40%, conforme FIGUEIREDO, 2001, p. 30.

2 Daí serem chamados, indistintamente, de "batalhões de voluntários".

3 Em algumas ocasiões, duas.

4 As armas-base operam com duas peças de manobra em 1° escalão e uma em reserva, tanto na ofensiva como na defensiva.

•

Fontes:

BENTO, Cláudio Moreira et FIGUEIREDO, Osório Santana. **6ª Divisão de Exército – Divisão Voluntários da Pátria.** Porto Alegre: Pallotti, 2001.

DUARTE, Paulo de Queiroz, General. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1981, vol. 1 e 2.

FRAGOSO, Tasso, General. **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1960.

SOBRE O AUTOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis é Coronel da Reserva, Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS. Editor do informativo **O Tuiuti**, é autor de várias obras sobre a história militar, entre elas "O Duque de Caxias Dia a Dia" e "História do Casarão da Várzea 1885-2008" (co-autor). Possui inúmeros artigos publicados e é detentor de diversos diplomas e medalhas, recebidos por serviços prestados à memória brasileira.

Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul Concluído

Cel Cláudio Moreira Bento

Em 1994, fomos convidados pelo Gen Div João Carlos Rotta, comandante da 3ª Região Militar, para escrevermos a História deste grande comando cuja História, em seu início, confunde-se com a do Rio Grande do Sul.

O primeiro volume alcançou sucesso, tendo muito boa receptividade, propiciando a origem do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, transformado mais tarde para Projeto História do Exército na Região Sul, por sugestão do Gen Div Renato César Tibau da Costa, então comandante da 5ª RM/DE, Curitiba. Projeto que foi gerenciado, por cerca de oito anos, pela 3ª Região Militar, que nos contratou como PTTC, para escrevermos a sua História e de outras grandes unidades da área do CMS.

E de lá para cá, inicialmente isolados e, a partir de 2001, com a parceria do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, sob a égide das entidades que fundamos e presidimos, quais sejam, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB – www.ahimtb.org.br), fundada em 1996, e o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), fundado em 1986, foram publicados os seguintes livros, do citado projeto:

- História da 3ª RM 1808-1889 e Antecedentes, v.1, 1994; - História da 3ª RM 1889-1953. v.2, 1995; - História da 3ª RM 1959-Atualidade, v.3, 1999; - Comando Militar do Sul 1953-1995 – 4 décadas de História, 1995; - 6ª Divisão de Exército – Divisão Voluntários da Pátria, 2001; - 3ª Divisão de Exército – Divisão Encouraçada, 2008; - 8ª Brigada de Infantaria Motorizada – Brigada Manoel Marques de Souza Iº, 2001; - 6ª Brigada de Infantaria Blindada – Brigada Niederauer, 2002; - 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Charrua, 2007; - 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Patrício

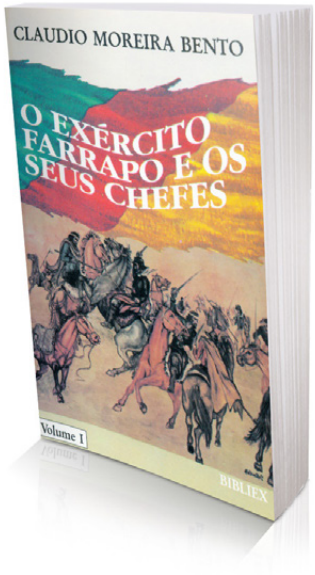
HISTÓRIA IMPRESSA v
Os livros apresentam títulos que tratam de temas fundamentais para a compreensão da História Militar brasileira.

Correa da Câmara, 2002; - Artilharia Divisionária da 6ª DE, AD Marechal Gastão de Orleans, 2003; - Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário, 2003; - Escolas Militares do Rio Pardo 1856-1911, 2005; - História do Casarão da Várzea 1885-2009; e, mais as seguintes, de biografias de chefes ligados à História Militar da Região Sul em seus bicentenários: Caxias e a Unidade Nacional - 2003; O Conde de Porto Alegre - 2005; General Osório - o maior herói e líder popular brasileiro - 2008 e, em complemento, Hipólito da Costa, o gaúcho fundador da Imprensa do Brasil – 2005, por sua íntima ligação com a História Militar do Rio Grande do Sul. E ainda, Brigadeiro Antônio Sampaio - o Patrono da Infantaria, 2010; História da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada Marechal José Luiz Mena Barreto, 2010 e AD/3 - Artilharia Brigadeiro Gurjão, 2012.

Aos livros acima, some-se mais os seguintes, por nós produzidos, relacionados com a História do Exército na Região Sul: O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul, 1975; Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul, 1976; O Exército Farrapo e os seus chefes, 2v. BIBLIEx 1992; A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1774-77, BIBLIEx,1996; Canguçu, reencontro com a História - um exemplo de reconstituição de memória comunitária, 2007 e A Participação Militar de São Paulo e Paraná na guerra de reconquista do Rio Grande do Sul aos Espanhóis 1775/78 - SASDE-2009.

E, por fim, muito relacionado com a História do Exército na Região Sul, o manual Como estudar e pesquisar a História do Exercito, em duas edições, de 1978 e 1999, pelo Estado-Maior do Exército através do EGGCF.

MAIS TÍTULOS v
Mais dois títulos da coleção, um com um levantamento dos chefes farrapos e outro com a História do Colégio Militar de Porto Alegre.



As obras publicadas, relacionadas com os grandes comandos da Região Sul, foram prefaciadas por seus comandantes, com introduções de nossa lavra e orelhas por acadêmicos e uma acadêmica da AHIMTB. Essas obras focalizam personalidades e entidades que figuram como suas denominações históricas, antecedentes militares da área sob a jurisdição da GU focalizada e síntese histórica da mesma; sínteses biográficas de seus ex-comandantes com a respectiva foto na galeria de comandantes. E aborda, sob o título – "Os comandantes da... suas experiências profissionais, ações e lições de comando". Finaliza cada livro com uma síntese histórica das OM que a integram, com a relação dos seus comandantes, por período. Em anexo, dados complementares de interesse, mais dados sobre as entidades que as promovem e dos autores.

Em seu conjunto resgatam, em forma de História Militar Crítica, a História Militar de cada GU e, em destaque, o perfil militar de seus comandantes, concorrendo as-

sim com subsídios para uma doutrina militar brasileira, como a sonhou o Duque de Caxias em 1863, e também a formação dos quadros em Arte e Ciência da Guerra, dentro das realidades da zona de jurisdição de cada grande comando. E mais, estudos de liderança militar no estudo de antigos comandantes de cada GU. Concorre ainda para o fortalecimento do Espírito de Corpo da GU considerada e da auto-estima de seus integrantes, por conhecerem o seu passado, para bem entenderem o seu presente e, assim, em melhores condições, ajudarem a construir o seu futuro.

Como soldado e historiador militar, e agora também jornalista, sonhávamos que este projeto, com sua metodologia, fosse estendido a todo o Exército, em um Projeto História do Exército do Brasil, para que seus integrantes o conheçam cada vez melhor.

Um projeto História do Exército na Região Sudeste e seus antecedentes teria que estudar a expressiva participação expedicionária paulista além de suas fronteiras, que é riquíssima e bela, como constato ao estudar a presença frequente de expedições que foram enviadas da área atual do CMSE, como a sua Legião de São Paulo, na qual o General Osório ingressou como soldado e teve o seu batismo na Cavalaria da Legião, na Guerra da Independência da Província Cisplatina.
"Legião Esquecida" na historiografia paulista que foi, inclusive, comandada pelo Brigadeiro Arouche de Toledo Rendon, o fundador da hoje célebre Faculdade de Direito de São Paulo e, pelo que fomos informados, era o pai do Coronel Diogo de Morais Arouche Lara, nosso patrono no Instituto Histórico de São Paulo, que foi o primeiro historiador do Brasil como Reino Unido do Brasil e Algarve, e que morreu em combate nos Sete Povos das missões na 2ª Campanha contra Artigas.

•

Entre os títulos do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul estão:

BENTO, Cláudio Moreira. **Caxias e a Unidade Nacional.** Porto Alegre: Metrópole, 2004;

BENTO, Cláudio Moreira. **GENERAL OSORIO 'O maior herói e líder popular brasileiro'.** Barra Mansa: Drumond, 2008;

BENTO, Cláudio Moreira. **O Exército Farrapo e os seus chefes.** Rio de Janeiro: Bibliex, 2 vol, 1992;

BENTO, Cláudio Moreira. **A Guerra da Restauração.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1996;

BENTO, Cláudio Moreira. **2002 – 175 anos da Batalha do Passo do Rosário.** Porto Alegre: Metrópole, 2004;

BENTO, Cláudio Moreira et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **História do Casarão da Várzea.** Barra Mansa: Drumond, 2009;

BENTO, Cláudio Moreira et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **Escolas militares de Rio Pardo.** Porto Alegre: Metrópole, 2005.

•

SOBRE O AUTOR

O **Cel Cláudio Moreira Bento** é Historiador Militar e Jornalista. Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e da AHIMTB/Resende Marechal Mário Travassos, do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS), além de presidente Emérito fundador da Academia Resendense e possuir inúmeras outras condecorações e títulos.

Uma nova edição do consagrado livro

Os Mercenários do Imperador

O Cel Juvêncio Saldanha Lemos, após 20 anos da 1ª edição, colocou à venda a 2ª edição do livro "Os Mercenários do Imperador". LEMOS, Juvêncio Saldanha, Cel. Os mercenários do Imperador. Porto Alegre: Letra & Vida, 2013.

A obra, já consagrada pela historiografia, logo estará disponível nas livrarias, mas poderá ser obtida, desde logo, junto ao autor, pelo e-mail: juvencio.saldanha@terra.com.br

Belona, por Rembrandt

Belona
Senhora da Guerra

Chama-se Belona (*Bellona*) a antiga deusa puramente romana da guerra,provavelmente de origem etrusca e, portanto, anterior ao sincretismo grego-romano.

Bellona é palavra derivada de Bellum (do latim 'belli') e significa puramente 'a guerra'. É referida também como 'Duelona', do latim 'duellum', de onde a palavra 'duelo' (combate entre duas pessoas).

Existem muitas versões que Ênio(*) seria a forma grega de Belona, mas a tese mais aceita é que Belona é puramente romana sem antecedentes gregos. Por maiores que sejam a analogia de Marte como Deus romano da Guerra, Belona era a fúria da guerra, enquanto que Marte era um Deus ligado aos campos, denotando -o como um "deus soldado" (considerando que o homem da guerra era muitas vezes o homem do campo).

O poeta romano Tíbulo descreveu como sua amante Delia cultuava Belona: ela cortava seus braços, e cobria a estátua da deusa com seu sangue.

O militar e historiador de Antióquia Amiano Marcelino, ao descrever a derrota romana na Batalha de Adrianopla, disse que "Belona, soprando sua triste trombeta, enfurecia-se mais ferozmente que de costume, para infligir o desastre aos romanos".

Belona acompanhava Marte nas batalhas e foi considerada sua irmã, esposa ou filha. Também foi (como no seu templo em Óstia) sincretizada com Magna Mater. Todas as sessões do Senado relacionadas à guerra estrangeira eram conduzidas no Templo de Belona, no monte Capitolino, fora do pomerium, o antigo muro sagrado de Roma. É festejada a 3 de junho.

•

(*) Ênio, filha de Zeus e Hera é uma personagem da mitologia grega, antiga deusa conhecida como 'Destruidora de Cidades', representada coberta de sangue, levando armas de guerra e retratada junto a Ares, o deus chefe da guerra. Em alguns mitos, dizia-se que quando Ênio dava o golpe final, seu corpo se transformava em fogo.

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e

- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

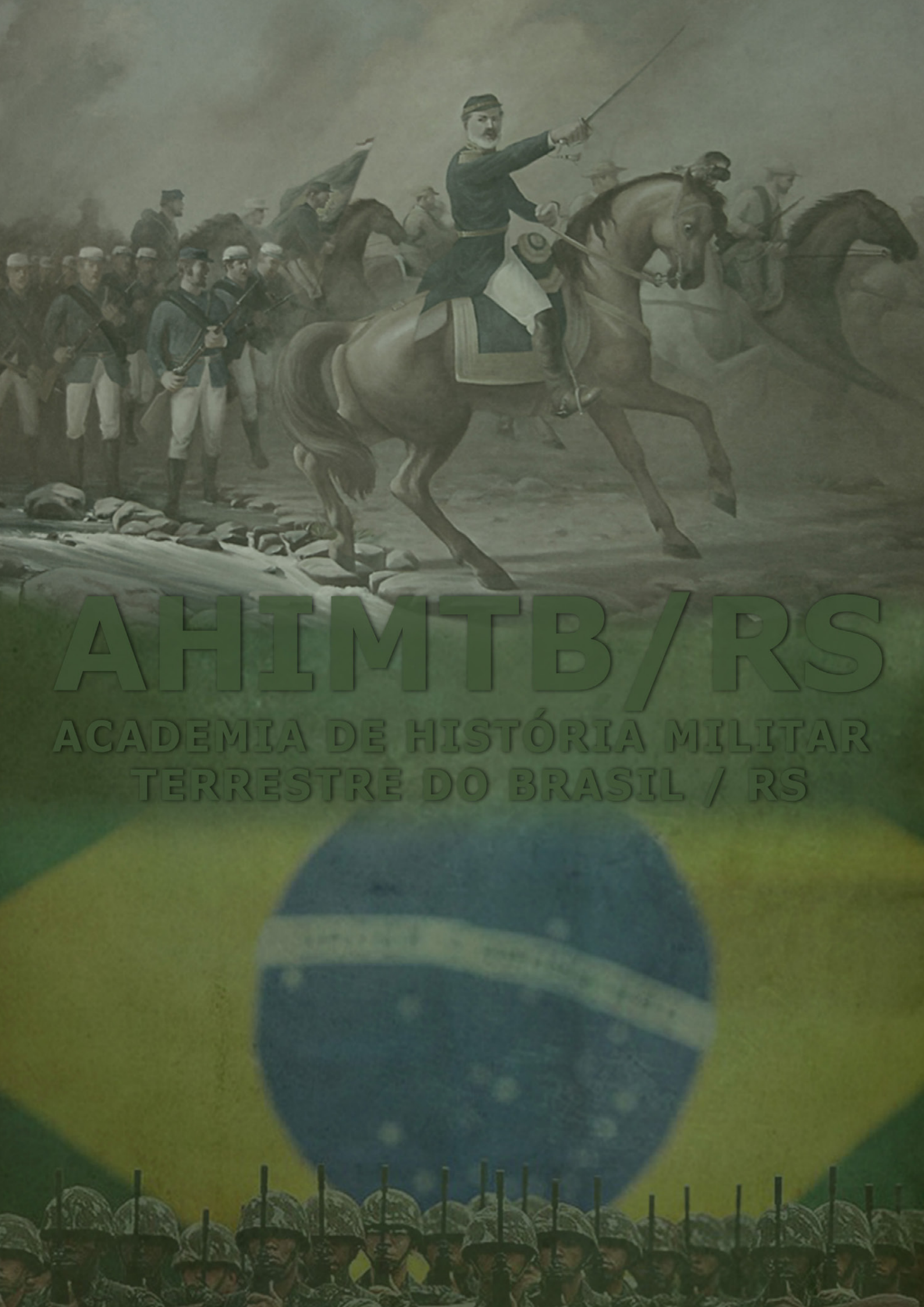
Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two Page VIew**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, o informativo será exibido na forma projetada.

Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibir Página**, clique em **Visualizar Duas Páginas** e **Exibir Capa na Visualização de Duas Páginas.**

O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha.

Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço **www.nucleomilitar.com**



AHIMTB/RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL / RS